

A AFIRMAÇÃO DA VIDA DIANTE DO ABSURDO A PARTIR DA OBRA *O ESTRANGEIRO*

CAIO OLIVEIRA SOUTO

Discente do curso de Bacharelado em Filosofia
Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR)
Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNSV)
Vitória da Conquista | Bahia | Brasil
Contato: caio.olsouto@gmail.com

Resumo: O presente estudo, tem por objetivo abordar os problemas filosófico-existenciais contidos no romance camusiano *O estrangeiro*. O objetivo é abordar dois conceitos principais que perpassam o conjunto das obras filosóficas de Camus tais como: o absurdo e a revolta. Abordaremos esses conceitos a partir do personagem fictício Meursault e do ser mitológico Sísifo, a fim de discutir o sentido da vida cotidiana tendo a literatura como um guia.

Palavras-chave: Absurdo. Revolta. Sentido da vida. Literatura.

126

1. INTRODUÇÃO

Durante a história da filosofia, sempre foi possível notar uma aproximação entre a literatura e o conhecimento filosófico. Os gregos por exemplo, durante muito tempo tinham os mitos, descritos nas epopeias homéricas ou nos poemas Hesíodo como fonte de conhecimento para explicar o mundo. Na contemporaneidade não é diferente, o filósofo Albert Camus, por exemplo, desenvolve seu pensamento a partir de diversos romances. Agora, a narrativa embora não seja majoritariamente

mitológica, ainda assim, continua sendo uma fonte para discutir uma visão de mundo relevante.

No romance *O estrangeiro*, publicado originalmente em 1942, o escritor franco-argelino propõe diversas reflexões sobre a vida na perspectiva do personagem Meursault, que passará por um julgamento no qual sua indiferença contará mais que o seu crime. Esse ser ficcional ajudará na compreensão de dois conceitos-chave na filosofia camusiana, a saber: o absurdo e a revolta. Uma reflexão a partir de um prisma filosófico pode revelar que a relação entre ambos os conceitos visa a superação de problemas existenciais causados pela falta de sentido na vida.

Em termos gerais, o absurdo surge a partir de um anseio incessante e natural que o ser humano carrega dentro de si, qual seja, o de procurar o sentido nas coisas ao seu redor. No entanto, chegará um ponto que o indivíduo notará um vazio no universo, essa grande ausência será chamada de absurdo. O personagem do referido romance, em diversos momentos, se depara com esse nada existencial e o demonstra através de sua indiferença. Por outro lado, a revolta acontecerá após a contemplação e a aceitação do absurdo, uma vez constatado a ausência de sentido, nesse segundo momento o personagem assume uma postura de enfrentamento, buscando uma superação das angústias e crises existenciais advindas do vazio.

Através deste romance Albert Camus propõe uma reflexão fundamental para a sociedade. Quando se vive durante muito tempo no “modo automático” é comum que a vida se mostre tolerável, no entanto, a crise existencial se torna evidente a partir do momento que nos questionamos sobre o porquê, sobre a razão de ser das coisas. Ao comparar o personagem Meursault com a figura mitológica de Sísifo é possível notar que, a repetição de ações no cotidiano pode ser causa de desânimo, no entanto, a partir da revolta, ou seja, de uma postura ética e existencial, é possível tolerar a vida sem se sentir um estrangeiro na existência.

2. O PERSONAGEM “ESTRANGEIRO” NA PERSPECTIVA DO ABSURDISMO

A ausência de sentido na vida é um tema que permanece durante toda obra *O estrangeiro*. O título dessa obra é providencial, pois se “vive entre estrangeiros, mas também é um estrangeiro para eles” (SARTRE, 2005, p. 120), podendo ser também um estrangeiro nesse mundo, não se adequando a nenhuma convenção ou grupo social. Logo no começo do romance surge uma frase que servirá de fio condutor da reflexão filosófica que é “hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: ‘Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames’. Isso não me esclarece nada” (CAMUS, 2023, p. 13, grifo do autor). A partir dessa fala é possível constatar duas questões fundamentais: a primeira é que a mãe estava num asilo, a segunda que a preocupação imediata de Meursault não era com a morte de sua genitora, mas com o esclarecimento de quando ocorreu esse fato.

Ao chegar à cidade para o funeral, o caixão da falecida já estava fechado, quando o porteiro se ofereceu para abrir houve uma recusa por parte de Meursault, que ao ser questionado do motivo de não querer ver a mãe uma última vez disse não saber do motivo. Durante o velório, o personagem demonstra pouca preocupação com o fato de ter perdido a mãe, em alguns momentos fuma, bebe seu café com leite, como se fosse um dia comum, a sua única preocupação, na verdade, era o calor que estava fazendo “fazia muito calor” (CAMUS, 2023, p. 13).

Outra personagem que será relevante na história será Marie Cordona, uma datilógrafa que despertava desejo em Meursault. Como de costume, foram nadar no cais, no entanto, há dois momentos que chamam atenção, o primeiro é quando Marie percebe a gravata “depois de nos vestirmos, ficou muito surpresa de me ver com uma gravata preta, e perguntou-me se estava de luto. Disse-lhe que mamãe tinha morrido” (CAMUS, 2023, p. 28), nota-se, portanto, que em momento algum, Meursault demonstrara luto, além do fato de estar de gravata preta. Outro

momento é que logo após ele afirma “tive vontade de dizer-lhe que a culpa não era minha, mas detive-me porque me pareceu que já ter dito a mesma coisa ao meu patrão. *Isto nada queria dizer*” (CAMUS, 2023, p. 28, grifo nossos). A última frase mostra que a preocupação principal do personagem não era a morte da mãe, mas sim consigo mesmo. Para os padrões tradicionais parece estranho que um dia após perder a mãe o indivíduo esteja saindo com uma mulher e se divertindo, evidencia-se, portanto, que o luto estava presente apenas nas vestes.

Essa indiferença não é algo específico e restrito ao passamento da mãe. Ao longo da trama, Meursault é descrito como indiferente com tudo na vida, em todas as relações ele se mostra apático. Fica ainda mais evidente, quando Marie, pergunta sobre o amor e o seu interesse em casamento, ele responderá friamente dizendo:

À noite Marie veio buscar-me e perguntou se eu queria casar-me com ela. Disse que tanto fazia, mas se ela queria, poderíamos nos casar. Quis, então, saber se eu a amava. Respondi, como aliás já respondera uma vez, que isso nada queria dizer, mas que não a amava (CAMUS, 2023, p. 48).

129

Esse “tanto faz” acompanha o personagem ao longo da história, mostrando que nada na vida tem um sentido, um acontecimento ou outro não faria diferença em sua existência. O comum e aceitável socialmente é, por Meursault, recusado. Nem mesmo ante a possibilidade da felicidade prometida pela vida conjugal ele encontra um sentido, algo capaz de tirá-lo dessa indiferença. Esses acontecimentos citados serão necessários para o final do romance. A partir desse momento, há também uma amizade entre Meursault e Raymond, que é o seu vizinho, conhecido por importunar mulheres, inclusive com agressões. Esse problema moral não parece ser um problema para nosso protagonista, pois após Raymond ser acobertado depois de agredir uma mulher, Meursault, aceita o convite para um final de semana na casa de Masson, um amigo de Raymond. O relevante nesse

acontecimento é que eles se deparam com um grupo de árabes, familiares e conhecidos da mulher agredida por Raymond.

É somente ao chegarem na praia para um passeio que temos um crime realizado por Meursault. Ao entrar em conflito com o grupo de árabes, Meursault porta uma arma dada por Raymond e, nesse momento, a mãe de Meursault se faz presente em memória, ao recordar dela no momento em que está prestes a cometer um crime.

Era o mesmo sol do dia em que enterrara mamãe e, como então, doía-me sobretudo a testa, e todas as suas veias batiam juntas debaixo da pele. Por causa deste queimar, que já não conseguia suportar, fiz um movimento para a frente. Sabia que era estupidez, que não me livraria do sol se desse um passo. Mas dei um passo, um só passo à frente. E desta vez, sem se levantar, o árabe tirou a faca, que ele me exibiu ao sol. A luz brilhou no aço e era como se uma longa lâmina fulgurante me atingisse na testa. [...]. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecador, que tudo começou (CAMUS, 2023, p. 63-64).

130

A todo momento Meursault parece apático, nada faz diferença. No entanto, é no julgamento desse crime que a discussão filosófica fica mais evidente. Inicialmente, parece um crime normal, como qualquer outro para ser julgado, no entanto, durante o julgamento, a questão que parece ter um maior peso é a da forma como ele agiu no enterro de sua mãe, não as motivações do crime cometido, isso chamará a atenção dos juízes. As suspeitas dos que julgavam era correta “os investigadores tinham descoberto que eu ‘dera provas de insensibilidade’ no dia do enterro de mamãe” (CAMUS, 2023, p. 68, grifo do autor). Meursault é um personagem do hábito, perdera totalmente a faculdade de sentir por se habituar a tudo, a perda da mãe nada mais é do que algo que logo fará parte do hábito.

Como a tudo na existência, Meursault, se habituara também a prisão. Já chegando ao final do romance, surge um profundo questionamento:

‘Pois bem, então morrerei’. Mais cedo do que outros, evidentemente. Mas todos sabem que a vida não vale a pena ser vivida. No fundo, não ignorava que tanto faz morrer aos trinta ou aos setenta anos, pois em qualquer dos casos outros homens e outras mulheres viverão, e isso durante milhares de anos. Afinal, nada mais claro. Hoje, ou daqui a vinte anos, era sempre eu quem morria (CAMUS, 2023, p. 118, grifo do autor).

Nesse momento, o absurdo da existência é constatado e expresso pelo personagem. Ele constata que a vida não vale a pena ser vivida, viver ou morrer tanto faz. A quantidade de tempo vivido ou a qualidade da vida vivida não tem importância, é apenas um fator trivial na existência. Parece que essa mesma certeza é professada por aqueles que buscam no suicídio uma solução para os seus males. Essa afirmação de Meursault de que a vida não vale a pena ser vivida responde uma questão fundamental da filosofia: “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2024b, p. 17). Essa afirmação do filósofo franco-argelino parece ser o questionamento principal na vida do personagem estrangeiro, que, para ele, “a partir do momento que se morre, é evidente que não importa como e quando” (CAMUS, 2023, p. 118).

Nos seus momentos finais, a figura da mãe reaparece volta a povoar a mente Meursault: “pela primeira vez em muito tempo pensei em mamãe. Pareceu-me compreender por que, ao fim de uma vida, arranjava um ‘noivo’, porque recomeçara” (CAMUS, 2023, p. 126). Ele ainda acrescenta... “também eu me senti pronto a reviver tudo” (CAMUS, 2023, p. 126). O retorno da presença-ausência da mãe revela que a sua vida foi uma vida marcada por uma constatação do absurdo filosófico proposto por Camus:

“o absurdo me esclarece o seguinte ponto: não há amanhã. Esta é, a partir de então, a razão da minha liberdade profunda” (Camus, 2024b, p. 72). Meursault, mesmo morrendo, compreendeu o absurdo, pois o viveu de maneira intensa e profundamente livre. Ele constatou o absurdo da vida.

A partir da vida do personagem, é possível observar que, *a priori*, o ser humano precisa de um sentido, mas o universo não oferece nenhum. É justamente essa tomada de consciência de um universo mudo e completamente isento de explicações que caracterizam o absurdo. Na perspectiva de Camus, a busca por sentido é algo que atravessa todas as formas de pensamento humano. A religião, a filosofia, a ciência e as artes são tentativas humanas para superar o absurdo e preencher o vazio com algum tipo de significado superior ou transcendente. Contudo, essas tentativas são todas vãs e não resolvem os problemas principais (dor, sofrimento e ausência de sentido). O absurdo, portanto, não é algo a ser resolvido, mas algo a ser enfrentado, vivido, reconhecido e aceito. Há aqui um desejo humano por sentido ao mesmo tempo que o universo apresenta um silêncio ensurdecedor, mostrando que o caminho a ser seguido é a aceitação do absurdo, algo que não pode ser obtido através de utopias mundanas ou respostas transcendentais, pois são apenas ilusões, como o autor afirma:

Anteriormente tratava-se de saber se a vida devia ter um sentido para ser vivida. Agora parece, pelo contrário, que será tanto melhor vivida quanto menos sentido tiver. Viver uma experiência, um destino, é aceitá-lo plenamente. Mas, sabendo-o absurdo, não se viverá esse destino sem fazer de tudo para manter diante de si o absurdo iluminado pela consciência (CAMUS, 2024b, p. 67).

Nesse ponto, o absurdo revela-se como uma espécie de paradoxo entre o sim e o não da vida. Algo que Meursault vive, intensamente, quando está próximo da morte, quando nos momentos finais se mostra pronto para reviver tudo. Nesse momento, nota-se que é apenas através da

razão que é impossível significar a vida. Ou, nas palavras do comentador: “diante dos evidentes fracassos sucessivos da razão na tentativa de dar conta da totalidade do mundo e do desejo fracassado de clareza, há a constatação da absurdidade frente à falta de clareza do mundo e do silêncio da natureza” (SAMPAIO, 2020, p. 106).

Ao se deparar com essa existência isenta de sentidos e uma natureza apática, o personagem estrangeiro, deixa de se importar com as consequências da vida. No mundo moderno, o indivíduo que tem essa mesma reação pode considerar o suicídio como uma saída, “e como todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada” (CAMUS, 2024b, p. 20). Nesse sentido, o homem se angustia não com a possibilidade da liberdade, mas com a constatação de um vazio absoluto, que o conduz ao questionamento se, de fato, a vida possui algum valor.

Assim, a resposta apresentada por Camus é radicalmente diferente do esperado. Em vez de buscar uma solução capaz de superar o absurdo e restabelecer o sentido, o caminho indicado pelo autor é a aceitação plena do absurdo sem qualquer tipo de fuga como as citadas acima. O universo se mostra sem um sentido? Tudo bem, o importante é não se desesperar e apenas viver. A verdadeira resposta a esses problemas e questionamentos é viver plenamente e abraçar a vida em sua totalidade, apesar da falta de sentido. É precisamente por viver aquém (ou além?) de qualquer sentido/valor que o personagem do romance *O estrangeiro* revela que a vida é possível na perspectiva do absurdismo. Seria contraditório se ele afirmasse algum valor diante da morte (da mãe) relacionado ao amor (devotado a ele por Marie Cordona) ou mesmo a defesa de algum valor pela qual valesse a pena viver ou morrer.

3. A REVOLTA COMO SUPERAÇÃO DA AUSÊNCIA DE SENTIDO

Um personagem mitológico que ajuda a descrever a inutilidade das ações humanas no cotidiano é Sísifo. A histórica, bem como a descrição da ação deste ser mitológico revela que ele foi condenado a empurrar uma pedra montanha acima por toda a eternidade, como um símbolo da condição humana. Para Camus, Sísifo, é o herói do absurdo, pois ao invés de desistir e viver de maneira apática, ele aceita sua tarefa impossível, sem ilusões e, nesta aceitação, encontra dignidade em seu esforço contínuo. É nessa perspectiva, que a alegoria de Sísifo nos ajuda a compreender os problemas humanos. Mesmo com as dificuldades vividas no cotidiano, cada indivíduo pode encontrar uma verdade oculta em sua ação e superar o caráter trágico da existência através da consciência de sua condição:

Este mito só é trágico porque seu herói é consciente. O que seria sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consoma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo (CAMUS, 2024b, p. 139).134

Nesse sentido, diferente da vida passiva vivida por Meursault, o leitor deve ter notado que, para o autor, o movimento de aceitação do absurdo não implica a passividade, mas na forma como alguém compreende a sua ação: “assim como, em certos dias, a descida é feita na dor, também pode ser feita na alegria” (CAMUS, 2024b, p. 139). Nesse sentido, a aceitação do absurdo implica a aceitação de uma vida absurda e sem sentido, de tal modo que possamos enxergar uma forma de afirmação da vida, pois mesmo que o universo não apresente nada: “é preciso imaginar Sísifo feliz”

(CAMUS, 2024b, p. 141). A partir dessa compreensão, podemos inferir que:

Em *O mito de Sísifo*, publicado alguns meses mais tarde, camus nos deu o comentário exato de sua obra: seu herói não era nem bom nem mau, nem moral nem imoral. Essas categorias não lhe convêm: ele faz parte de uma espécie muito singular à qual o autor reserva o nome de *absurdo*. Mas sob a pena de Camus essa palavra assume duas significações muito diferentes: o absurdo é ao mesmo tempo um estado de fato e a consciência lúcida que certas pessoas adquirem desse estado. É “absurdo” o homem que em face de uma absurdidade fundamental indefectivelmente tira as conclusões que se impõem (SARTRE, 2005, p. 117, grifo do autor).

Da mesma forma que Sísifo, ao reconhecer o absurdo, luta diariamente, recomeçando todos os dias, também Meursault desejou, encontrou o sentido de sua existência, ao afirmar “também eu me senti pronto a reviver tudo” (CAMUS, 2023, p. 126). O recomeço, nessa perspectiva da aceitação do absurdo, soa como o ponto de partida, a partir do qual – apesar da aparente derrota –, é possível ainda buscar a vitória. Essa filosofia não pode ser lida a partir do pensamento ocidental tradicional: nesse ponto a moral e as suas exigências para com a vida impede que o indivíduo manifeste o quanto viver é sem sentido.

Camus define a postura de Sísifo, ante a ação perpétua e sem sentido, como uma revolta, ou seja, uma forma de resistência e superação. Dessa forma, “o importante, para Camus, é conseguir viver com o absurdo” (FORNECK, 2024, p. 205), para isso, o escritor propõe uma inversão da compreensão mediana da ação de Sísifo: ao invés da rendição à falta de sentido da vida, a revolta surge como uma escolha ativa, capaz de afirmar a própria existência sem recorrer a ilusões. É necessário, portanto, a caracterização da revolta, que para Camus não é equiparada a uma solução metafísica ou religiosa, mas uma postura ética e existencial diante da ausência de sentido do mundo. Desse modo, a revolta é uma recusa tanto

ao suicídio quanto a tentação de transcendência religiosa ou filosófica. Camus, em um outro romance, *O homem revoltado*, caracteriza o homem revoltado da seguinte maneira:

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a sua vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado deste “não”? Significa, por exemplo, “as coisas já duraram demais”, “até aí, sim; a partir daí, não”; “assim já é demais”, e, ainda, “há um limite que você não vai ultrapassar” (CAMUS, 2024a, p. 27, grifo do autor).

Com essa afirmação é possível observar que a revolta não é apenas um simples discurso ou insatisfação com algum acontecimento, mas sim uma postura e um compromisso ético. Com isso, a resignação e a apatia do personagem Meursault são posturas opostas ao que se esperaria do homem revoltado, daquele que busca superar o absurdo. A revolta tem o poder de definir a existência, de modo que através dela ocorra uma afirmação de sua liberdade frente a ausência de sentidos na vida. Ao compreender que a existência não oferece respostas fáceis e imediatas, o indivíduo não deve ceder ao desespero, nem ignorar a vida como ela é, tal qual fez Meursault durante a maior parte do tempo. Em vez disso, ele deve se recusar a sucumbir ao vazio e buscar algum significado em sua própria experiência, nas relações humanas e através de sua ação concreta no mundo. Ademais, a revolta, é uma resposta direta ao absurdo, dessa forma: “a partir do momento em que é reconhecido, o absurdo é uma paixão, a mais dilacerante de todas” (CAMUS, 2024b, p. 36).

Para aprofundar a reflexão sobre o conceito da revolta é possível aproximá-lo do conceito de liberdade, uma vez que a liberdade é determinante nesse momento. Como mencionado anteriormente para comentar os momentos finais da vida do personagem de *O estrangeiro*, a

revolta está intimamente ligada à ideia liberdade, pois ela é essencial para a concretização de uma vida consciente e intensa. Nesse sentido pode-se afirmar o seguinte:

Não posso entender o que seria uma liberdade dada por um ser superior. Perdi o senso da hierarquia. Da liberdade só posso ter a concepção do prisioneiro ou do indivíduo moderno no seio do Estado. A única que conheço é a liberdade de espírito e de ação. Ora, se o absurdo aniquila todas as minhas possibilidades de liberdade eterna, também me devolve e exalta, pelo contrário, minha liberdade de ação (CAMUS, 2024b, p. 70).

Assim, para Camus, a liberdade humana é radical justamente porque não deriva de um sentido prévio ou determinado – nem aquém, nem além da existência –, mas nasce da própria capacidade do indivíduo de criar seu caminho e atribuir significado à existência, mesmo diante da indiferença do universo. Diante do absurdo, que anula qualquer possibilidade de transcendência, é a revolta que restaura essa liberdade, tornando o indivíduo o protagonista de toda a sua existência. Dessa forma, o autor reafirma a liberdade ao indicar que ela surge como consequência direta do absurdo, à medida que ela está intimamente ligada à revolta e à paixão: “Extraio então do absurdo três consequências que são minha revolta, minha liberdade e minha paixão” (CAMUS, 2024b, p. 77).

Nesse sentido, o filósofo franco-argelino reconhece que a revolta e a liberdade são dimensões inseparáveis da condição humana. O homem, ao buscar um sentido para sua existência e não o encontrar, depara-se com o absurdo e tenta responder a ele de forma consciente. A revolta, portanto, manifesta-se como essa resposta lúcida, enquanto a liberdade deve ser entendida não como ausência de limites, mas como uma atitude de resistência que permite ao indivíduo dar um sentido à sua vida, mesmo diante da falta de propósito do mundo. Essa perspectiva é exemplificada na figura de Meursault, que, ao recusar-se a fingir sentimentos ou aderir a

convenções sociais, afirma sua liberdade por meio da aceitação do absurdo e da fidelidade a si mesmo, encontrando, na revolta silenciosa contra a hipocrisia do mundo, a sua forma mais autêntica de liberdade, com afirma estas duas autoras:

A noção do absurdo visa trazer o homem à consciência sobre sua própria condição. Em uma sociedade que valoriza questões financeiras e vigia o comportamento dos indivíduos, julgando aqueles que fogem às regras socialmente impostas, há um distanciamento das reflexões metafísicas. É nesse contexto que o homem absurdo – aqui representado por Meursault – incomoda os demais, cegados diante dos parâmetros de uma comunidade incapaz de refletir profundamente a natureza de ser humano (SILVA; GAI, 2018, p. 186).

Por fim, ao constatar o absurdo da existência, o indivíduo não deve ceder ao desespero. Mesmo Meursault tendo vivido a apatia e a resignação por toda a vida, no final, ao constatar o absurdo, ele, consegue forças para, mesmo diante de todas as adversidades, recomeçar, compreendendo sua mãe, que próxima a morte, ainda teve um relacionamento com outra pessoa, dando um novo sentido a sua vida. A todo momento fugiu dos parâmetros sociais impostos, fugindo também de toda metafísica, com o objetivo de resolver um problema prático e concreto, que é o do porquê continuar vivendo hoje. É nesse sentido que a revolta deve ser compreendida: como superação da ausência de sentido. 138

4. CONCLUSÃO

Em um mundo, no qual a rotina repetitiva e sem sentido, revela o absurdo da existência, faz com que sintamos o peso de viver em um mundo estranho, da mesma forma que Meursault viveu, como um estrangeiro no universo. Nada parece justificar o lugar no qual estamos, nem mesmo parece haver motivos para continuar lutando nessa existência. É nesse sentido que aparecem os dois conceitos discutidos nesse artigo, a

saber: o absurdo e a revolta. Ao viver a todo momento no absurdo, imerso em uma vida sem sentido e sem pertencer a lugar algum, a partir da vida do personagem estrangeiro, foi possível notar que o absurdo é a constatação de que o mundo nem sempre oferece um sentido para os anseios e questionamentos humanos. Nesse sentido, a alternativa encontrada por Meursault, já no fim da trama, foi a aceitação do absurdo e, a partir deste ato de coragem, conseguiu afirmar a vida com coragem, liberdade e autenticidade.

O filósofo franco-argelino resgata a figura mitológica de Sísifo, um ser condenado aquela ação eternamente repetitiva e inútil. Esse resgate exerce uma importante função no conjunto da filosofia do autor, pois é através desta metáfora da condição humana, expressão de um cotidiano repetitivo e aparentemente inútil, que a vida e a aceitação dela pode ser o caminho mais preferível. Para o literata, o verdadeiro herói não é aquele defensor da moral tradicional, mas Sísifo, que mesmo diante do absurdo da existência continua a viver e a ressignificar os seus atos.

Essa superação, tanto de Meursault, sua mãe e o ser mitológico Sísifo, parte da revolta, que não pode ser confundida com qualquer tipo de desordem, mas é a única forma de afirmar a vida após constatar que a vida é isenta de sentidos. Revoltar, portanto, significa viver em plenitude, rejeitando soluções quiméricas e fantasiosas, mas aceitando a vida tal qual ela é. Nessa perspectiva, o indivíduo é responsável por sua própria existência, sendo o criador de seus próprios valores e significados, fugindo do paradigma tradicional. Ademais, a revolta floresce como uma resposta a qualquer tentativa desesperada de responder um universo apático e ilógico. Ao se deparar com esse absurdo, o desespero não é a saída... a autoafirmação da vida e a busca por uma vida autêntica deve ser o primeiro passo a ser dado.

Portanto, nos dias atuais, é fundamental recorrer a literatura, pois nessas histórias é possível ver os conflitos do nosso cotidiano personificado. Em tempos marcados por crises existenciais, insegurança diante da finitude (rejeição da morte), ou uma angústia por se sentir um passageiro em um ônibus errado, a leitura de escritos como os romances

de Camus, mostram alternativas possíveis para essa dor interna, muitas vezes incompreendida por aqueles que estão ao nosso redor. Nesse sentido, o autor convida àquele que constatou o absurdo a ser corajoso e autônomo, mostrando que, apesar do absurdo, inicialmente, parecer ser um obstáculo à vida, lembra também que, ao final de cada dia, é sempre uma oportunidade de recomeço. Em síntese é preciso afirmar o valor da vida diante do absurdo o que pode significar que é preciso pensar na felicidade, da mesma forma que Sísifo e Meursault.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. 60 ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

_____. **O homem revoltado**. 17 ed. Rio de Janeiro: Record, 2024a.

_____. **O mito de Sísifo**. 32 ed. Rio de Janeiro: Record, 2024b.

FORNECK, Jeferson. O suicídio para Albert Camus: o questionamento que importa. **Sapere Aude**, v. 15, n. 29, jan-jun de 2024, p. 199-217. 140

SAMPAIO, Leandson Vasconcelos. Albert Camus e a recusa do suicídio em o mito de Sísifo. **Kalagatos**, v. 17, n. 2, Verão de 2020, p. 102-121.

SARTRE, Jean-Paul. Explicações de *O estrangeiro*. In: _____. **Situações I: crítica literária**. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 117-132.

SILVA, Roseane Grazielle da; GAI, Eunice Terezinha Piazza. O absurdo e o irônico em “O Estrangeiro”, de Albert Camus. **Claraboia**, v. 9, jan-jun de 2018, p. 181-197.

CAIO OLIVEIRA SOUTO

<http://lattes.cnpq.br/1506441138761061>